

denominação  
**Fazenda Santa Rosa**

código  
**AIII - FO7 - Val**

localização  
**Rodovia RJ-145, distrito-sede**

município  
**Valença**

época de construção  
**séc. XIX**

detalhamento do estado de conservação  
**no corpo da ficha**

uso atual / original  
**residencial e industrial (fábrica de aguardente) / fazenda de café**

proteção existente / proposta  
**nenhuma / tombamento**

proprietário  
**Aguardente Santa Rosa Ltda.**



situação e ambiência

O acesso para a fazenda Santa Rosa fica à esquerda da rodovia RJ-145, cerca de um quilômetro após o bairro do Cambota, no sentido de quem vai da cidade de Valença para a de Rio das Flores.

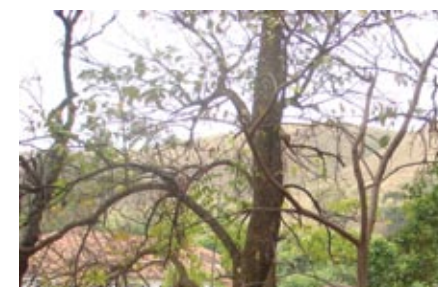
Quanto ao cenário paisagístico do entorno, a propriedade é rodeada pelos morros do tipo meia laranja, tendo em primeiro plano uma massa verde, composta por árvores de vários portes, que circundam seus fundos e as laterais.



01



02



03

coordenador / data  
equipe  
histórico / revisão

**Branca R. Figueira e Annibal Affonso M. da Silva - nov 2007**  
**Mauro Reis e Rita de Fátima**  
**Adriano Novaes/ / Fernando Pozzobon**

revisão / data  
**Alberto Taveira - fev 2008**

Quanto ao cenário paisagístico do entorno, a propriedade é rodeada pelos morros do tipo meia laranja, tendo em primeiro plano uma massa verde, composta por árvores de vários portes, que circundam seus fundos e as laterais.

Um antigo armazém marca a chegada ao acesso da fazenda. A partir daí, uma via com calçamento em paralelepípedos – com 200m de extensão e margeada por palmeiras imperiais de plantio recente e algumas mais antigas – leva à sede da propriedade. Próximo à porteira da fazenda, esta estrada bifurca-se e, à direita, passa atrás das construções – com a rodovia RJ-145 correndo acima – ligando-se com o bloco dos fundos (f.04, 05 e 06).

Seguindo o outro tramo desta estrada, que é o principal, chega-se ao portão da fazenda, fronteiro a um amplo pátio retangular, em um único plano, que, no passado, era utilizado como terreiro de café (f.16 e 17). No sentido longitudinal, à esquerda, fica um bloco e, aos fundos, outro bloco, disposto na transversal, servindo como limite final do espaço aberto. Estas construções, possivelmente, são reaproveitamentos dos antigos anexos das tulhas e engenhos usados no séculos XIX (f.16).

A casa-sede fica paralela à via, à sua esquerda. Um muro de pedra, encimado por gradeado de ferro, fecha seu jardim frontal, que hoje se assemelha a um pomar, devido às espécies arbustivas ali existentes. Este muro é recente, conforme se verifica na imagem nº 15, confrontada com as imagens históricas (f.16 e 17).

Atrás da casa fica um pequeno pátio gramado, em nível mais baixo, para possibilitar, inclusive, o acesso ao porão. Após este, avista-se um aqueduto em arco abatido executado em concreto (f.02 e 07), que leva a água, desviada do córrego que passa mais aos fundos da propriedade, que tocava a antiga roda d'água.

Na parte baixa da casa-sede, à sua esquerda, existem alguns remanescentes que podem ter sido originalmente de senzalas (f. 06). Ficam paralelos à casa, em um bloco retilíneo. Mesmo com interrupções e diferenças em suas coberturas (2 e 4 águas), as partes existentes nas extremidades levam a crer que pertenciam, no passado, a uma mesma massa edificada. As partes sobrantes foram adaptadas, uma delas destinada a uma residência de empregados e a outra estando fechada.

Não foi feita nenhuma prospecção direta no solo em busca de resquícios que confirmassem essa hipótese. Mas foi visto um quadro com a imagem aérea da fazenda, comprovando essa possibilidade.



04



05



06



07

A casa-sede foi construída sobre uma base de pedra, configurando um porão baixo, com arcabouço autônomo de madeira feito em seção quadrada (pilares, frechais, madres e barrotes), formando uma gaiola estrutural fechada por pau-a-pique. Seu exíguo pé-direito (cerca de 3,20m) foge ao padrão usado no século XIX.

Sua conformação em planta apresenta atualmente a configuração de um “C” e, devido à particularidade de ter seu acesso na parte inferior deste bloco, adotou-se a seguinte denominação para as fachadas:

- fachada frontal – correspondente à ala esquerda do “C”, que se abre para o jardim frontal cercado pela murada com grade de ferro;
- fachada principal – correspondente à fachada voltada aos antigos terreiros de café, atualmente gramados – aba inferior do “C” –, comportando a varanda e a porta de entrada da casa (f.01);
- fachada de fundos – correspondente à aba superior do “C” (f. 11); e
- fachadas internas – são aquelas faces que se abrem para o pátio interno, voltadas para o aqueduto (f.13 e 14).

O telhado, de ponto alto, característico da telha colonial, apresenta telhas recortadas e voltadas para cima (f. 09 e 10), arrematando aos beirais, que são encachorrados, pintados de branco e com tábuas de madeira para apoio das telhas (f.09 e 10).

A fachada principal volta-se para os antigos terreiros de café, hoje transformados num gramado. Possui oito vãos de aberturas de esquadrias, ritmadas e simétricas, sendo uma delas a porta principal, excêntrica, com quatro janelas a sua direita e três à esquerda. Guarnecendo a porta de entrada há uma varanda alpendrada, com cobertura em três águas sustentada por esbeltos pilares de madeira nas extremidades. Seu acesso se dá por escada com dois lances únicos laterais, mantendo guarda corpo que a acompanha da calçada e fecha toda a parte frontal. O trabalho de madeira de seu guarda corpo, bem como o que fica abaixo do beiral, lhe dá um arremate diferenciado (f.01). Grandes lampiões presos nas colunas dos cunhais (f.08 e 09) arrematam os extremos da composição.

Os vãos mantêm vergas retas, porém, na parte primitiva da casa-sede (fachadas principal e frontal), apresentam cercaduras em madeira. Nestas, a porta de acesso possui esquadria cega de abrir com duas folhas pintadas na cor azul e janelas semelhantes, envoltas por uma pequena régua de madeira, e guarnecidas externamente por guilhotinas em caixilhos de vidro na cor branca (f.01 e 08).



08



09



10



11



12

Por estar implantada num declive, a parte de seu porão que se volta ao pátio interno é habitável (com cerca de 2,20m de altura). Este foi todo reformado, recebendo aberturas para ventilação (f.01) e piso cimentado, sendo utilizado como área de jogos, lazer e serviços. O acesso a ele se dá pelo pátio entre as abas superior e inferior, onde fica um pequeno jardim, destacando-se uma fonte instalada posteriormente. Nesta área, uma varanda fica ao nível da parte residencial da casa – entre os blocos laterais – com piso e pilares de madeira. Suas portas podem ter sido adaptadas nos vãos de antigas janelas (f.14).

A parte final da aba superior do “C” parece ser um anexo posterior, pois foi construída com tijolos de barro na fachada dos fundos e na lateral direita (f.12). Devido às limitações do levantamento, não foi possível averiguar testemunhos internos para uma afirmação mais concreta, porém, sua cumeeira fica num nível mais baixo do que o dos outros dois blocos e suas esquadrias também denunciam sua contemporaneidade, pois não apresentam as largas cercaduras presentes na arquitetura histórica. Existe também a possibilidade deste bloco fazer parte do arranjo primitivo, tendo apenas suas paredes lateral direita e de fundos reconstruídas com tijolos; registre-se, entretanto, que as janelas primitivas, situadas na lateral do bloco principal / frontal, também não possuem esse tipo de cercaduras (f.11).

Porém, a teoria que prevalece, apoiada nas evidências colhidas, é que a parede lateral direita foi toda refeita à época da construção deste bloco, uma vez que o espaçamento dos frechais entre os caibros encachorrados também mostra diferenças de largura. Se isto corresponder à verdade, originalmente, a casa-sede seria um “L”, o que, pelas características construtivas e pela presença de um forro em trama de madeira vazada avistado na cozinha, denotaria que a parte nova teria sido construída, possivelmente, entre as décadas de 1910 e 30 (f.11 e 13).

No pátio interno há uma fonte de mármore, que, segundo informações da caseira, foi adquirida em Friburgo à época de uma reforma (f.14).



13



14



15

Não foi possível acessar o interior da casa. Desta forma, não se fez a leitura do seu grau de conservação bem como dos seus sistemas construtivos (piso, forro, esquadrias etc.). Entretanto, no exterior foi notada pouca incidência de patologias, visto ter a casa passado por obras recentemente.

O porão foi todo reformado e aproveitado como salão de jogos, lazer e serviços.

Os barrotes apresentam tratamento contra cupins e as esquadrias estão bem conservadas, com pintura nova (f.01 e 08).

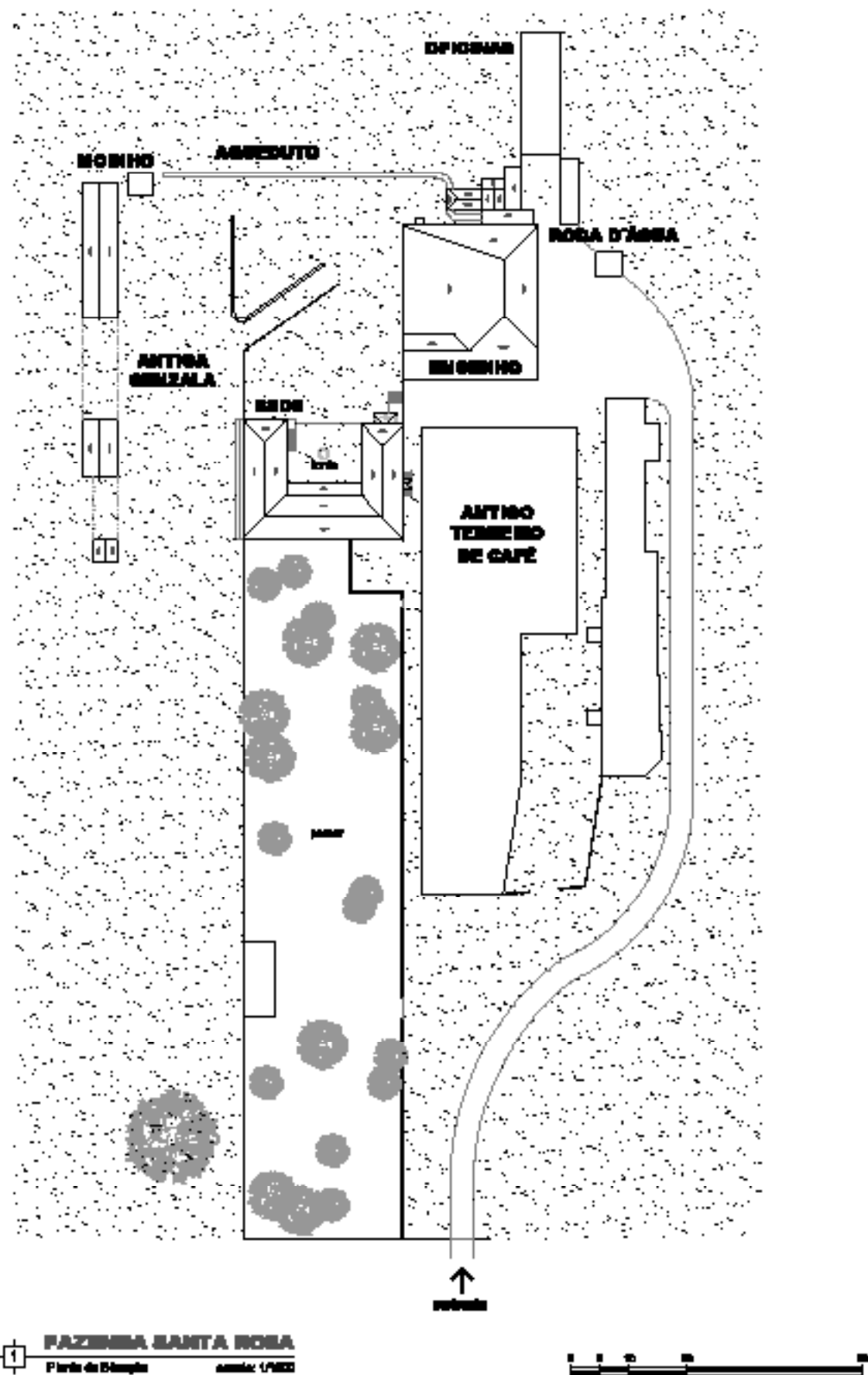
A casa-sede é circundada por calçada em todo o perímetro (f.08 e 11), notando-se a presença de umidade ascendente na base da alvenaria, proveniente dos respingos de chuva do beiral e do acúmulo de água da calçada.

Os blocos originais apresentam paredes construídas em pau-a-pique, com emboço de terra e argamassa de cal. No bloco superior estas são em tijolos maciços de barro (f.12). Observou-se enxerto de argamassa de cimento, da base até o teto, na alvenaria no lado direito da fachada principal, próximo ao cunhal (f.01); e a instalação do relógio de luz na parte esquerda desta mesma fachada (f.11).

O cunhal da parte interna da fachada principal apresenta sujidade, ocasionada pelo escoamento de água pelo muro que lhe faz confrontação (f.13).

A cobertura possui oito águas no bloco em "C", três na varanda de acesso, uma na varanda que fica entre os blocos laterais e três na varanda presente na fachada lateral direita da fachada principal. Não foi possível acessar a cobertura para avaliar o sistema construtivo e o estado das peças estruturais. As telhas foram trocadas recentemente, sendo todas novas (f.01).

A estrutura de madeira apresenta-se em boas condições, não tendo sido notado nenhuma patologia que possa vir a comprometer a integridade estrutural do prédio.



**FAZENDA SANTA ROSA**  
 Planta de Situação escala: 1/1000



Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense		AIII - F07 - Val		1/1	
autor:	desenho:	revisão:	data:		
Arnivaldo Barros M. da Silva / Mauro Reis / Rita de Fátima Vieira	José Ronaldo Reis Novais	Franciely Bourquet	nov 2007		

A sesmaria de “Santa Rosa da Cachoeira” teve como fundador o Padre Manoel Gomes Leal. Posteriormente, foi adquirida pelo casal Joaquim Marques da Silva e Faustina Angélica de Moura, que, em poucos anos, tornaram-se bem sucedidos fazendeiros nas proximidades da recém-fundada Vila de Valença.

Marques da Silva teve muitos filhos que, após constituírem família, estabeleceram-se na sesmaria com pequenas propriedades, dando origem a outras fazendas, como Pau d’Alho, São Manoel do Cambota e os sítios Cachoeirinha e Escobar. A Santa Rosa não permaneceu muito tempo nesta família, uma vez que, após o falecimento de Joaquim Marques da Silva, a viúva e os filhos herdeiros venderam-na a pessoas diversas.

Em 1839, a Santa Rosa é adquirida por Eleutério Delfim da Silva. Eleutério desenvolveu, nesta fazenda, grandes atividades, aumentou as instalações, ampliando cafezais e adquirindo mais terras. Além do café, a fazenda Santa Rosa produzia de tudo um pouco, como açúcar, algodão, milho, farinha de mandioca e aguardente, esta produzida até os dias atuais.

Eleutério era um homem destemido e ambicioso, investiu tudo o que tinha em sua propriedade. No entanto, não conseguiu evitar que sua fazenda fosse hipotecada. Em 1852, perdeu Santa Rosa para seu principal credor, João Pereira Darrigue Faro, futuro visconde de Rio Bonito, que logo a vendeu a Antônio Vieira Machado, estabelecido há anos na vizinha fazenda Santo Antônio da Cachoeira.

Antônio Vieira Machado, oriundo de Paty do Alferes, fez fortuna com o café. Construiu em Valença no ano de 1856, a maior e mais bela residência da cidade. Machado não viveu o suficiente para usufruir de seu elegante solar, falecendo em 1857. Logo após sua morte, seus herdeiros, impossibilitados de terminarem tal obra, venderam-no ao Visconde do Rio Preto.

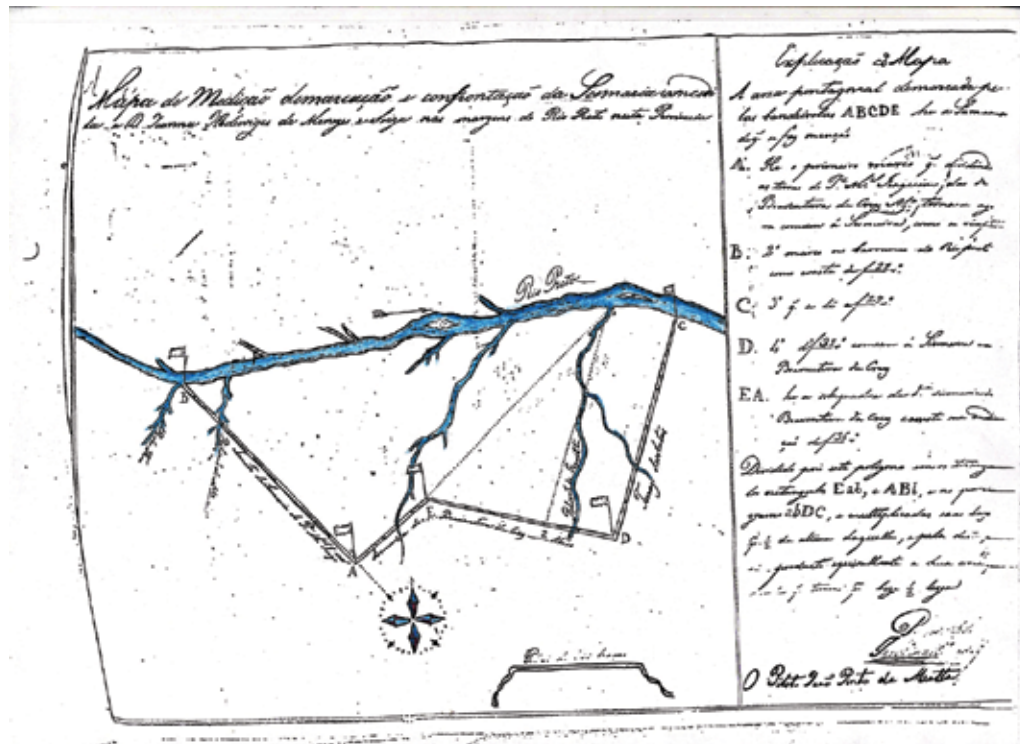
Em 1858, falece a viúva de Machado, Dona Rosa Maria de Jesus. Os herdeiros, por sua vez, desfizeram-se da fazenda, vendendo-a ao futuro Comendador Manoel Antônio Rodrigues Guião, também já estabelecido com fazenda na vizinhança. Comendador Guião administrou a fazenda até sua morte, em 1872, quando a produção cafeeira começou a declinar. A viúva, D. Iria Umbelina Vieira Guião, com os filhos ainda menores, manteve a fazenda com dificuldades. Com muitas dívidas e com as fazendas hipotecadas, não viu alternativa senão entregá-la a seu principal credor, o negociante Vito Pentagna.

Nicolau, Vito e Caetano Pentagna eram irmãos oriundos de Scário, Província de Salerno, Itália. Vieram para o Brasil em fins do século XIX e passaram a residir em Valença, onde se estabeleceram com grande casa comercial. Em pouco tempo eram os mais fortes negociantes da cidade. Entre os três, Vito foi o que mais se destacou. De comerciante passou a fazendeiro, tornando-se um dos lavradores mais adiantados do município. Na Santa Rosa, onde progrediu, chegou a instalar uma rede telefônica entre suas fazendas e a cidade.

O empreendedor Vito Pentagna faleceu em 1914, às vésperas da inauguração de sua fábrica de tecidos denominada “Fiação Tecidos Santa Rosa”. A viúva, D. Urbana Pascoalina de Castro Pentagna, passou a administração das fazendas aos filhos Savério e Humberto de Castro Pentagna. Sucederam-lhes filhos e netos, em cuja posse a fazenda está até hoje.

### **A aguardente “Santa Rosa”**

O registro mais antigo da produção da famosa aguardente é uma escritura de compra e venda da Fazenda Santa Rosa, datada de 1852, entre o vereador João Pereira Darrigue Faro e Antônio Vieira Machado. Neste documento consta o seguinte: “... um engenho de ferro horizontal com competente casa, seus pertences, dois alambiques, paiol, medindo 95 palmos de frente e 55 de fundos; e uma casa com nove tonéis...”. Outro documento importante é o “Anuário Estatístico/Informativo da Província do Rio de Janeiro” de 1875, que informa sobre os fazendeiros proprietários de estabelecimento rural em Valença voltados fundamentalmente para a produção de café. Este documento indica que apenas três fazendas fabricavam aguardente em escala comercial, sendo eles: a Fazenda Campo Alegre, a Fazenda Nazareth e a Fazenda Santa Rosa, na época propriedade de Dona Iria Umbelina Vieira Guião. Todo leva a crer que a Fazenda Santa Rosa produz aguardente desde os tempos do Império, ininterruptamente.



Mapa com a medição, demarcação e confrontação da Sesmaria concedida à D. Irma Hedwiges de Meneses (Acervo AN)



Fazenda Santa Rosa, foto Daniel Ribeiro, 1922  
 (Fonte: Álbum do Estado do Rio de Janeiro, publicado em comemoração ao centenário da Independência do Brasil)



